II ENEHISP

CADERNO DE RESUMOS

Simpósio Temático 21

St21 DESAFIOS DO TEMPO PRESENTE:

História Mídias digitais e narrativas em disputa

COORDENADO POR


Iuo Vinícius da Silva Pires


Ana Victória L. Rocha


M. Eduarda S. Lopes

PPGH Unimontes Programa de Pós Graduação em História Social | LAPPS ufjf Laboratório de História Política e Social

Grupo de Estudos e Pesquisa do Pensamento Autoritário



CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÕES

DESAFIOS DO TEMPO PRESENTE:

História, Mídias digitais e narrativas em disputa

9 DE OUTUBRO DAS 14H ÀS 18H | GOOGLE MEET

COORDENAÇÃO

Ivo Vinícius da Silva Pires
Universidade Federal do Piauí (PPGHB-UFPI).
ivop0644@gmail.com

Ana Victória Leite Rocha
Universidade Federal do Piauí (PPGHB-UFPI). Bolsista: CNPq.
anavictoriarocha152@ufpi.edu.br

Maria Eduarda de Sousa Lopes
Universidade Federal do Piauí (PPGHB-UFPI). Bolsista: FAPEPI.
maria.lopes@ufpi.edu.br

SESSÃO ÚNICA

9 de outubro, das 14h às 18h

ORDEM	TÍTULO DO TRABALHO	HORÁRIO
1	Negacionismos, imprensa e História do Tempo Presente: uma análise sobre o uso do discurso midiático como meio de propagação negacionista	14h10
2	Negacionismo versus pânico moral: estratégias do Escola Sem Partido no ambiente digital (2016-2023)	14h50
3	O passado que ronda o presente: transição, continuidades e a atuação digital das "novas direitas" em eventos políticos no Brasil (2011-2016)	15h30
4	Do país do futebol ao país exportador: narrativas de crise, neoliberalismo e as migrações de jogadores brasileiros para o exterior	15h50
5	Do caderno ao algoritmo: transmidialidade, memória vernacular e autoridade compartilhada no caso de Pedro Braga	16h10
6	"Como tudo começou?": tentativa de caracterizar o bolsonarismo como um movimento social iniciado em 2013	16h30
7	O Estallido Social chileno de 2019 como um entrecruzamento de temporalidades: disputas interpretativas sobre passados e futuros coletivos	16h50

Negacionismos, imprensa e História do Tempo Presente:
uma análise sobre o uso do discurso midiático como meio de propagação negacionista

Tereza D'avila Sindor Pereira [1]
Gabriela Cruz Abreu [2]

É evidente que a imprensa é uma importante força social ativa, desde o seu surgimento até os dias atuais. Mesmo com o advento das mídias digitais, dos algoritmos e da Internet, a imprensa tradicional continua mantendo papel de destaque na sociedade e muitos desses grandes veículos e conglomerados midiáticos passaram a migrar para o digital, acompanhando as inovações tecnológicas. Assim, o objetivo do trabalho em questão, tem como objetivo refletir sobre a história da imprensa e como a mesma se consolidou ao longo dos anos, diante da participação na estruturação do discurso negacionista no Brasil. Sabe-se que o fenômeno do negacionismo sofreu e sofre mutações que lhe aferem novas roupagens e permitem a sua inserção em diferentes contextos, especialmente em períodos de crise. Desse modo, é possível dizer que a imprensa brasileira tem acompanhado e auxiliado na disseminação dessas narrativas negacionistas na cena pública brasileira, acompanhando os seus ritmos de transformação e adaptação. Logo, objetiva-se que o leitor compreenda que a imprensa é uma peça importante para o entendimento do quebra-cabeça de qualquer sociedade, pois, desde o seu surgimento, esta passou a exercer diversas funções sociais de extrema importância. Afinal, a comunicação social e os seus meios são um campo crucial a ser estudado para a compreensão da vida contemporânea. Nesse sentido, jornais de grande circulação como O Globo e a Folha de São Paulo, são pertinentes objetos de análises para a compreensão da construção do fenômeno negacionista no Brasil e as suas mais diferentes faces. Por fim, entende-se que os jornais não são partidos neutros nesse processo de avalanche negacionista no debate público brasileiro e que podem ser compreendidos como parte responsável pelos problemas de "verdade" enfrentados no tempo presente, entre eles a crise da democracia e a descredibilização de discurso científico e historiográfico.

Palavras-chave: Negacionismos; Imprensa; Tempo Presente .

[1] Mestranda em História, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista: CNPq. terezasindor@gmail.com

[2] Doutoranda em História, Universidade Federal Fluminense (UFF). gabrielaabreu@id.uff.br

Negacionismo versus pânico moral:
estratégias do Escola Sem Partido no ambiente digital (2016-2023)

João Vitor Romão de Castro [3]

O presente trabalho analisa as estratégias discursivas e a mobilização online do movimento Escola Sem Partido (ESP) no período de 2016 a 2023, compreendendo-o como um operador estratégico da articulação neoliberal-conservadora no Brasil.

Utilizando a História do Tempo Presente como marco teórico e a análise de conteúdo como metodologia, investiga-se como o grupo se estruturou no ambiente digital não apenas para difundir seu ideário, mas para orquestrar uma campanha sistemática de assédio e deslegitimação contra docentes, especialmente da área de História. A pesquisa demonstra que o ESP articulou uma "guerra cultural" que combinava negacionismo histórico e pânico moral, transformando a figura do professor em um "inimigo doutrinador" a ser combatido. Argumenta-se que essa estratégia, amplificada pela lógica algorítmica das redes sociais, objetivava criar um ambiente de vigilância e autocensura nas escolas, viabilizando a mercantilização da educação e o esvaziamento do ensino crítico. A análise revela que o movimento, embora formalmente encerrado em 2021, deixou um legado de desconfiança institucional e polarização que persiste no debate educacional brasileiro, manifestando-se em perseguições a professores, na disseminação de narrativas revisionistas sobre o passado e na tentativa de impor uma visão moralizante e tecnicista à educação. Conclui-se que o ESP não foi uma controvérsia passageira, mas um sintoma de um projeto político mais amplo que busca reconfigurar a educação básica segundo os interesses do capital e de uma agenda conservadora, representando uma ameaça concreta aos fundamentos democráticos do ensino de História e à autonomia intelectual dos educadores.

Palavras-chave: Negacionismo histórico; Pânico moral; Escola Sem Partido; Ambiente digital; Ensino de História.

[3] Mestre em História Social, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (PPGH/UFAL). castrovitor922@gmail.com

O passado que ronda o presente:
transição, continuidades e a atuação digital das "novas direitas" em eventos políticos no Brasil (2011-2016)

Raimundo Itamar Lopes Pinheiro Filho [4]
Edmilson Alves Maia Junior [5]

O presente estudo compõe a construção da pesquisa de nossa dissertação, e deriva da inquietação de entender processos e disputas a partir de problematização formuladas acerca do período convencionado enquanto 'Nova República', com ênfase sobre os recortes políticos da chamada transição do pós-ditadura (Reis Filho, 2014) e atualidades, com vistas à atuação contemporânea nas redes sociais de atores sociais do espectro das direitas brasileiras. A partir de um início pautado na reflexão dessa primeira quadra histórica como contexto, discutimos as continuidades e também desconstruções de tais direitas em seus projetos para s sociedade brasileira, do imaginário à política. Nosso recorte global de questões sustenta-se sobremaneira acerca dos eventos atualizadores dos sistemas simbólicos na perspectiva de Sahlins (2003), em que agentes políticos passam a imprimir seus interesses e significados sociais nas disputas pelo poder. Assim, um debate das mídias é levantado, em princípio a partir da observação de atuação de alguns dos veículos tradicionais de imprensa na arena pública (Miguel, 2002). Dessarte, nossos estudos também versam sobre a acentuada digitalização da política a partir de 2010 (Han, 2022) e a ascensão, em seu meio, das "novas direitas" (Rocha, 2021), especialmente em ambiente como o Facebook, que ergueram novas personas políticas através de narrativas participantes dos eventos citados, direcionando perspectivas e rumos decisivos para processos políticos complexos, tais como o Movimento Brasil Livre (MBL), Vem Para a Rua e Revoltados Online. Como definem a ideia das temporalidades históricas, presente, passado e futuro, em percepções sobre a ditadura e os rumos políticos contemporâneos do Brasil, utilizando para tal narrativas nas mídias digitais como novas formas divulgação e classificação dos fenômenos políticos, mas se atentando, em vista disso, ao campo da História do Tempo Presente (Rousso, 2016) para embasamento teórico.

Palavras-chave: Eventos Políticos; Narrativas e Redes Sociais; Temporalidades e Tempo Presente.

[4] Mestre, Universidade Estadual do Ceará (UECE). Bolsista: FUNCAP. lopesitamar689@gmail.com

[5] Doutor, Universidade Estadual do Ceará (UECE). edmilson.junior@uece.br

Do país do futebol ao país exportador:
narrativas de crise, neoliberalismo e as migrações de jogadores brasileiros para o exterior

Victor Brandão de Oliveira [6]

Este trabalho examina as transformações do mercado futebolístico internacional e seus efeitos sobre as migrações de jogadores brasileiros para clubes do exterior nas últimas décadas do século XX. Para tanto, busca-se compreender como a ampliação da circulação internacional dos atletas, marcada por um processo de integração dos mercados, modificou as narrativas sobre o futebol brasileiro, as estruturas econômicas do jogo e as trajetórias dos atletas profissionais. O aumento das transferências internacionais, a partir dos anos oitenta, e a consolidação de clubes europeus como espaços privilegiados de valorização econômica alteraram o lugar ocupado pelo jogador brasileiro no mercado global. Se, em décadas anteriores, a permanência em clubes nacionais constituía parte significativa das trajetórias profissionais, sobretudo, em virtude das maiores possibilidades de integração ao selecionado nacional, a migração para o exterior passou progressivamente a ser incorporada como estratégia de carreira, com jogadores explorando mercados internacionais cada vez mais cedo. As transformações associadas às legislações na década de 1990 — a exemplo da Lei Zico (1993), do caso Bosman (1995) e da Lei Pelé (1998) — integram um processo mais amplo de neoliberalização e reorganização do mercado futebolístico. Nesse sentido, analisamos a tensão existente entre duas representações do futebol brasileiro: de um lado, a imagem consolidada de um "país do futebol", associada à formação de grandes talentos e às conquistas entre as décadas de 1950 e 1970 da seleção brasileira; de outro, a constituição do Brasil como um dos principais países exportadores de atletas do mercado mundial. A crescente saída de jogadores passou, assim, a produzir distintas narrativas de uma persistente "crise do futebol brasileiro". Ao investigar essa transformação, que se estabeleceu a partir de uma reconfiguração do futebol mediante o aprofundamento de uma racionalidade neoliberal, pretende-se compreender como a diminuição de fronteiras no mercado global alterou as expectativas e até mesmo as trajetórias das carreiras dos jogadores profissionais. Nosso intuito, portanto, é avaliar como esse processo redefiniu as formas de narrar o futebol brasileiro, tensionando as relações entre mercado, identidade nacional, trajetórias individuais e desempenho esportivo.

Palavras-chave: Crise; Exportação; Jogadores; Neoliberalismo.

[6] Mestre, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). victorbrandoliveira@gmail.com

Do caderno ao algoritmo:
transmidialidade, memória vernacular e autoridade compartilhada no caso de Pedro Braga

Valdir Macedo Neto[7]

Este artigo investiga as tensões e disputas entre passado e presente que emergem quando a memória vernacular de uma comunidade subalternizada atravessa sucessivos regimes de mediação, da voz à página manuscrita, da escrita à circulação algorítmica nacional. O caso analisado é o de Pedro Cordeiro Braga (1917-2000), garimpeiro, carpinteiro e carteiro voluntário do Povoado do Vau (Diamantina, MG), que, diante do êxodo rural e do declínio da transmissão oral, dedicou-se a "traduzir" para cadernos escolares as memórias de seu povoado, entre elas as dores da escravidão, os conflitos fundiários e a toponímia local. Quase trinta anos após sua morte, essas narrativas deixaram o isolamento do Vale do Jequitinhonha e passaram a circular nacionalmente por meio do podcast O Último Carteiro do Vau e do programa Rádio Novelo Apresenta. Tomando esse percurso transmidiático como objeto, o trabalho mobiliza as noções de operação historiográfica (Certeau), verdade diferente da memória (Portelli), tensão entre memória vernacular e oficial (Bodnar), lugares de memória (Nora) e autoridade compartilhada (Frisch/Cauvin) para perguntar o que se preserva e o que se transforma nos sentidos de uma narrativa quando ela muda de suporte e de público. Argumenta-se que Braga, embora marginalizado e de escolaridade precária, exerceu uma operação intelectual análoga (mas não igual) à do historiador, reivindicando para um sujeito das margens a autoridade de narrar o passado. Sustenta-se, ainda, a distinção entre o argumento do alcance e o argumento do valor, de modo que o êxito de circulação digital não se confunda com validação historiográfica. Por fim, demonstra-se que, ao ser reinscrito em plataformas algorítmicas indiferentes à sua ancoragem territorial, o lugar de memória do Vau se reconfigura como memória em rede, distribuída de forma assimétrica entre agentes humanos e tecnológicos. O passado revela-se, assim, permanentemente disputado e reescrito — sensível aos afetos de quem o narra, escuta e faz circular —, evidenciando que memória, sensibilidade e poder são dimensões indissociáveis na produção contemporânea do conhecimento histórico.

Palavras-chave: Memória vernacular; Usos do passado; Autoridade compartilhada; Transmidialidade; Pedro Braga.

[7] Mestre em História, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). eu@netomacedo.com

"Como tudo começou?":
tentativa de caracterizar o bolsonarismo como um movimento social iniciado em 2013

Gustavo Machado da Silveira [8]

A apresentação consiste em um recorte da tese em desenvolvimento, cujo proposta central busca identificar a reconfiguração da autoridade mediadora da informação no tempo presente como resultado dos usos políticos das mídias digitais pela extrema-direita. A realização desta pesquisa parte do princípio da História do Tempo Presente enquanto uma história do inacabado, compreendendo que o objeto de pesquisa rompe as fronteiras temporais entre passado-presente e tem consequências diretas no tempo vivido pelo historiador. Pretende-se analisar neste trabalho o bolsonarismo (um movimento político) enquanto um movimento social, compreendendo que as manifestações de 2013 foram um turn point a partir do qual esse grupo começou a se organizar e, consequentemente, ascender politicamente até chegarem aos cargos mais altos do poder na estrutura brasileira. Através da reflexão deste objeto - o bolsonarismo - como inacabado, apesar da derrota nas eleições de 2022 e, posteriormente, criminalização de alguns dos seus integrantes - dentre eles o líder, Jair Bolsonaro -, investiga-se as redes sociais dos políticos de extrema-direita acerca das manifestações bolsonaristas em 2025 em comparação com as notícias e editorial da Folha de S. Paulo acerca de 2013. Portanto, a proposta parte das contribuições de Charles Tilly sobre os movimentos sociais, para analisar as semelhanças das manifestações de 2013 com a constante ação nas ruas dos bolsonaristas e a defesa da afirmação do bolsonarismo enquanto movimento social.

Palavras-chave: Movimento social; Bolsonarismo; Redes sociais digitais; Manifestações de 2013; Folha de S. Paulo;

[8] Doutorando, Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista: PROMOP Institucional. gustavomsilveira.hist@gmail.com

O Estallido Social chileno de 2019 como um entrecruzamento de temporalidades:

disputas interpretativas sobre passados e futuros coletivos

Ana Luíza Guimarães Ribeiro[9]

Em outubro de 2019, no Chile, tudo estava em disputa. O estallido social possibilitou um momento de suspensão da vida cotidiana, reuniu milhares de pessoas nos espaços públicos das cidades e permitiu que uma sociedade marcada pela memória coletiva traumática da ditadura militar pudesse refletir sobre si mesma. Este acontecimento destacou e produziu interpretações sobre a trajetória histórica do país, evidenciando temporalidades complexas. A revolta teve a força emancipadora de fazer comparecer, performaticamente, o povo como evento, liberou uma cidadania que havia sido desativada pelo consenso da política tradicional chilena. Permitiu que novos sujeitos e identidades expressassem sua vigorosa rejeição com o "povo como re-presentação", que se deixa administrar pelo formalismo técnico e sócio-comum de uma democracia meramente procedimental. Seus participantes foram testemunhas das sombras e limites do Chile pós-ditatorial. Sua quebra histórica engatilhou sensibilidades e potências que se entrecruzam em um destino ainda em construção, e que representam um verdadeiro apêndice do Chile atual, do que foi negado, dos sedimentos que tentaram apagar. No decorrer das manifestações ficou claro que, apesar de passadas três décadas de experiência democrática, os fragmentos da ditadura seguem presentes na estrutura neoliberal imposta sob o regime de Pinochet. Produz-se uma quebra, uma rachadura, no continuum neoliberal da ditadura e da democracia intermediada pelos interesses dos empresários e militares que a seguiu. É um acontecimento que provoca uma redefinição das dinâmicas sociais, e que gera suas próprias definições e condições de possibilidade de se conhecer a verdade, coloca em evidência os tempos históricos e as experiências que coabitam de modo desigual e violento o espaço social. O tempo inaugural que despontou do estallido social foi marcado por promessas que evocavam o que estava por vir, a revolta foi vivida como um tempo enérgico, intensivo, acelerado, quase frenético em seus ritmos. Representou um marco na abertura de um tempo de deliberação coletiva sobre o futuro da sociedade chilena, da possibilidade do cancelamento do velho e invenção do novo.

Palavras-chave: Revolta; Temporalidades; Tempo Presente; Movimentos Sociais; Neoliberalismo

[9] Doutoranda, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista: CAPES. luiza_ribeiro@id.uff.br

II ENEHISP

PPGH Unimontes
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LAPPS ufjf
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL



Grupo de
Estudos e Pesquisa do
Pensamento Autoritário